

LETRAS DE HOJE

Nº 61

SETEMBRO DE 1985

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

CONTÉUDO

519

520

521

522

523

524

525

526

527

528

529

530

531

532

533

534

535

536

537

538

539

540

541

542

543

544

545

546

547

548

549

550

551

552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

565

566

567

568

569

570

571

572

573

574

575

576

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727

728

729

730

731

732

733

734

735

736

737

738

739

740

741

742

743

744

745

746

747

748

749

750

751

752

753

754

755

756

757

758

759

760

761

762

763

764

765

766

767

768

769

770

771

772

773

774

775

776

777

778

779

780

781

782

783

784

785

786

787

788

789

790

791

792

793

794

795

796

797

798

799

800

801

802

803

804

805

806

807

808

809

810

811

812

813

814

815

816

817

818

819

820

821

822

823

824

825

826

827

828

829

830

831

832

833

834

835

836

837

838

839

840

841

842

843

844

845

846

847

848

849

850

851

852

853

854

855

856

857

858

859

860

861

862

863

864

865

866

867

868

869

870

871

872

873

874

875

876

877

878

879

880

881

882

883

884

885

886

887

888

889

890

891

892

893

894

895

896

897

898

899

900

901

902

903

904

905

906

907

908

909

910

911

912

913

914

915

916

917

918

919

920

921

922

923

924

925

926

927

928

929

930

931

932

933

934

935

936

937

938

939

940

941

942

943

944

945

946

947

948

949

950

951

952

953

954

955

956

957

958

959

960

961

962

963

964

965

966

967

968

969

970

971

972

973

974

975

976

977

978

979

980

981

982

983

984

985

986

987

988

989

990

991

992

993

994

995

996

997

998

999

1000

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondência:

Prof.^{as} Maria Rita Motta Guedes Quintella**Conselho Editorial**

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Domingues de Rodrigues Pasquês e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Nels e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura
— 4 números anuais —

Brasil: cr\$ 15.000,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: cr\$ 10.000,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Regina Zilberman — Apresentação	p. 5
Elvo Clemente — Lobo da Costa e a Revolução Farroupilha	p. 7
Carlos A. Baumgarten — Lobo da Costa: uma visão romântica da Revolução	p. 17
Maria Eunice Moreira — Uma literatura de guerra	p. 39
Donald Schüler — A guerra nos versos de duas poetisas do século passado	p. 65
Sandra Jathay Pesavento — Uma ideologia em farrapos ...	p. 75
Aldyr Garcia Schlee — Modelo cívico-literário	p. 85
Guilhermino Cesar — O conto gauchesco	p. 93

Resenhas

Histórias de doentes, por Maria das Graças Rodrigues Paulino	p. 123
A Guerra dos Farrapos, por Charles Kiefer	p. 126
O caso do martelo, por Charles Kiefer	p. 126
Poesia brasileira, por Elvo Clemente	p. 127
Tição de aroeira, por Elvo Clemente	p. 127

APRESENTAÇÃO

A guerra que a oligarquia rural sul-rio-grandense empreendeu contra o poder imperial, na época representado pela Regência, entre 1835 e 1845, não foi a primeira da história do Rio Grande do Sul. Antes dela, a luta entre portugueses e espanhóis contra os índios guaranis que, junto com os jesuítas, zelavam pela civilização *sui generis* das Missões, garantira a incorporação da região ao sul de Laguna ao território da colônia portuguesa. Porém, a guerra contra a Coroa, que, posteriormente, tomou o nome de Revolução Farroupilha, passou aos poucos a configurar a identidade da cultura local, seus episódios, mais que os da história nacional (como a Independência ou a guerra contra o Paraguai), sendo lembrados como manifestações maiores da natureza do homem rio-grandense, dando vazão à sua bravura e despreendimento inatos, e dos ideais políticos e humanitários dos chefes militares que a lideravam.

Como as reivindicações que motivaram a Revolução nunca foram completamente atendidas pelo poder central, cada vez que os mesmos problemas vêm à tona o passado é relembrado de modo nostálgico e idealizado. Por estas razões, o movimento e seus dirigentes foram transpostos da história para a literatura, bem como para outras expressões artísticas e culturais do Estado. Nenhum outro evento é tão celebrado, nem aparece tantas vezes na prosa e na poesia do Rio Grande do Sul, embora, com o passar do tempo, as interpretações tenham se modificado, as mudanças ocorrendo no sentido de desmitificar a faceta mais idealizada do episódio e compreender tanto suas causas sociais e ideológicas, como seus efeitos na economia da região e no comportamento dos indivíduos.

Na ocasião em que se comemoram os 150 anos do início do movimento revolucionário, cumpria retomar o material literário e histórico produzido e proceder à sua análise, visando caracterizar suas tendências nos séculos XIX e XX e verificar as diferentes maneiras como escritores e intelectuais se posicionaram perante aquele evento. Os textos que se seguem têm este intuito, detendo-se

na ficção, poesia e história elaboradas desde os primeiros anos da Revolução. Deixando de endossar a perspectiva eufórica que por tanto tempo acompanhou a interpretação dos fatos revolucionários, os ensaios buscam outro tipo de permanência: aquele que a ciência confere, quando o rigor da análise e a coerência de posições está presente. Se as celebrações são pretexto para festejos, são também a oportunidade para a reflexão, e é sob este prisma que se colocam os trabalhos a seguir, dando continuidade ao empenho de *Letras de Hoje* em melhor compreender e interpretar nossa cultura e nossas instituições ao longo de suas transformações no tempo.

REGINA ZILBERMAN
Organizadora

LOBO DA COSTA E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Ir. Elvo Clemente

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Título estranho para algumas considerações sobre a vida e a obra de Francisco Lobo da Costa, o poeta mais popular do Rio Grande, que encarnou de maneira exemplar os ideais românticos em toda a sua grandiosidade.

1 – NOTA BIOGRÁFICA

O poeta nasceu na cidade de Pelotas, no dia 12 de julho de 1853, sendo seus pais Antônio Cardoso da Costa e Jacinta Júlia da Costa. Pertencia à classe média, bem situada na sociedade local.

O testemunho das poetisas Revocata H. de Melo e Julieta de Melo Monteiro é interessante: "Dizem-nos que a sua infância correu entre flores, rodeada dos carinhos da querida mãe e do extremo pai. Aquela, porém, faleceu muito cedo, desgraça que, sem dúvida, influiu bastante na tormentosa vida de desventurado sonhador" (Prefácio das *Dispersas*. Rio Grande, Livraria Americana, 1910).

Rocha Gallo refere-se à mesma infância venturosa quando escreve: "plumagem quente dos aconchegos do ninho doméstico".

Em poemas saudosos, o poeta recorda os tempos da meninice:

"Lembranças de tempos idos
Por que não vindes aqui?
.....
Tão pura, serena e calma
Como o amor da minha mãe!"

(Auras do sul. 3.ed., Rio Grande,
Livraria Americana, 1928, p.42)

A orfandade lhe toldou o céu azul da infância com as nuvens sombrias da tristeza e da dor e com afeto se volta ao pai nestes versos:

"Sentireis o perfume da saudade
Aberta em flor, no coração que sofre.
E se chorardes, pai... de vossas lágrimas
Será meu livro o inviolável cofre."

("Última Folha". *Auras do sul*, p. 148-9)

Aos 12 anos revela-se poeta no celebrar a retomada de Uruguaiana, 1865, pelas forças brasileiras, episódio significativo da Guerra contra Solano Lopes, os seus primeiros versos foram estampados no *Eco do Sul*. Vemo-lo, assim, inserido na vida brasileira, na sociedade com seus problemas, ânsias e esperanças.

Aos 15 anos está empregado na estação do telégrafo local, nas horas vagas lia e recitava sofregamente os poemas de Castro Alves, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias.

No posfácio de "Flores do Campo", 2ª edição de *Dispersas*, Rocha Gallo fala do autodidatismo do poeta:

"Dotara-o a natureza de um caráter dócil e meigo e de uma inteligência cujo poder de assimilação revelava-se na presteza com que aprendia as mais complicadas questões literárias e filosóficas. Carecia, porém, da preciosa faculdade de reter o que assimilava com tanta facilidade e era-lhe difícil utilizar os escassos conhecimentos que possuía por não poder tirá-los da desordem em que os bebera à ligeira, sem método, sem sistemas, borboleteando voluvemente de autor em autor mal tendo, às vezes, tempo de compreendê-los e senti-los.

Em compensação, o pendor poético manifestava-se nele alimentado pelas refulgências do estro sempre afinado, e pelas lucilações da inspiração sempre pronta, sempre no estado de máxima tensão."

Por esse depoimento podemos compreender melhor a formação do poeta e sua força inspiradora e sua permeabilidade às influências dos poetas contemporâneos do centro do País. Daí procede a intertextualidade repetida e presente em muitos poemas. É preferível a tese de um Lobo da Costa, poeta inspirado, aedo, autodidata, a de um suposto bacharel... A grandeza do Poeta está aí — sentir e viver o seu povo; sentir e viver a vida social das cidades por onde peregrinou; sentir e viver a vida e a boêmia do seu destino e retratá-la nos versos que nos deixou...

É o poeta andarengo que traduz em seus poemas as vicissitudes de sua vida, os altos e baixos da vida social e os episódios significativos da vida brasileira.

Colaborou em quase todos os jornais e revistas da época das cidades de Jaguarão, Rio Grande, Pelotas, Bagé, Dom Pedrito e Porto Alegre. Em todos os momentos sente e vive o momento de sua vida e da vida da pátria.

A boêmia e sua natural versatilidade o levaram a perambular por todos os escalões da sociedade da Província do Rio Grande até 1888, ano em que no dia 18 de junho morre na Rua de Santa Cruz, hoje Lobo da Costa, em sua cidade natal. Recolhido à Santa Casa, detestava aqueles cuidados, aquela vigilância, queria a liberdade, a liberdade de buscar a própria morte. Aí, hirto pelo frio, deitado no chão da rua está o poeta!... Até na morte foi fiel de viver e sentir com a sua cidade e com o seu povo o frio e os rigores da estação hibernal.

Lobo da Costa, poeta das grandes causas nacionais, viveu, vibrou com a sua gente na guerra do Paraguai, nos anseios da República, na libertação dos escravos, nos prementes problemas que atingiam as grandes cidades daquele tempo. Em todos esses anseios é o poeta romântico por excelência.

Ora pressente e vive a tristeza, o mal do século, que atingira tão fortemente Álvares de Azevedo, ora vibra e exulta como Castro Alves, ora chora e geme de saudade como Casimiro de Abreu, ora proclama e exalta o indígena como Gonçalves Dias...

É o poeta romântico que vibra e ressoa com todas as melodias da lira brasileira.

2 — A ASA DA TRISTEZA

No dizer de Afonso Lopes de Almeida, todo poeta é triste e toda poesia é um gemido. Lobo da Costa, apesar de sua vida social intensa, de sua boêmia incorrigível foi um homem solitário, profundamente triste. Ele mesmo define em verso: "A poesia/ é um gemido de dor, desfeito em harmonia".

O poeta liberta-se da dor e da tristeza para seguir o seu destino:

"Sombas vãs do passado, eu vos adoro!
que me importa esta dor que me atormenta?"

(Auras do sul, p. 13)

Sente-se desamparado, abandonado, vivendo, embora nas rodas sociais que o celebram, que o exploram na força de sua poesia:
É patética a última estrofe do poema "Proscrito no mar":

"Vim ao longe colher palmas:
Só a saudade encontrei!
Essa coroa das almas
Mais pesada que a de um rei.
Proscrito! eis todo o meu nome..."

(Auras do sul, p. 25 e passim)

A tristeza é realmente o seu meio, a sua vivência mais profunda em que ele se sente a si mesmo e retoma os temas de Casimiro de Abreu.

3 – SENTIMENTO DE PÁTRIA

Nostálgico, peregrinando pelas cidades do Rio Grande, indo até São Paulo, o poeta vive e sente a Pátria, o sonho de Independência, celebra o tema da liberdade, tão caro e profundo no coração romântico.

No poema "7 de Setembro" tece loas ao grande feito de Dom Pedro I e dos brasileiros, enaltecendo, ao mesmo tempo, os ideais liberais nos próceres daquela hora; transcrevemos apenas a penúltima estrofe:

"Tente ambalde o despotismo
Os teus brios alquebrar...
Brasil! — cingiu-te o Eterno
De um destino tutelar!
A idéia de liberdade
Que ora implanta a sociedade
Da glória aos rubros festins,
Tem por ti dois combatentes
No passado — Tiradentes
No porvir — Gaspar Martins!"

(Auras do sul, p. 79)

A idéia de liberdade sempre o acompanhou em todos os seus versos, quer louve o Imperador quer o deteste, como poderemos observar na segunda estrofe do poema "Que importa?", recitado no dia 1º de dezembro de 1885 no Teatro 7 de Abril, em sua terra natal:

"E nem sequer uma gota
De sangue calu por terra,
E nem o corvo da guerra
Lambeu o negro fuzil:
E quem mais alto e sublime
Baniu o medonho espetro?
Não a espada, mas o castro
O Imperador do Brasil."

(Auras do sul, p. 106)

Ao mesmo tempo em que elogia o Imperador sente na alma a revolta contra o poder despótico, quer mais liberdade, quer mais participação no governo e nas decisões da Pátria. Exalta a força do povo, em sua luta revolucionária, em seu anseio de liberdade e de colaboração no banquete do poder. Ao lado da reverência que lhe merece Dom Pedro II, procura celebrar o povo, em Flores do campo, no poema escrito em 1888:

"Não odeio e não desminto
A real exceção.
Teve a Europa um Pedro Quinto
Que foi rei e cidadão.
E o Brasil, no seu monarca
Sempre viu um patriarca
Que lhe inspira amor e fé,
Não é ele quem governa,
São os biltres da taberna,
Os lacaios de libré!"

(Flores do campo, p. 65-7)

4 – SENTIMENTO DE POVO

Dentro dessa maneira de ver os acontecimentos e as idéias dominantes na época, sente em si fervilhar o sangue da revolta, sente em si o sentimento de povo, de luta contra a opressão — o poema "O Rei e o operário" coloca as duas posições contrárias em luta. A exaltação é grande, vai quase ao paroxismo num

diálogo veemente e atrevido. As funções de ambos são avaliadas e contrapostas em dísticos, formando cada estrofe. Vamos apreciar algumas mais significativas. O Rei começa, o Operário responde:

"— Eu mando tropas armadas
Sustento povos na mão ...
— Pois eu tempero as espadas
Que fazem revolução!"
.....

Ao encerrar-se o poema, assim fica a última estrofe:

"— Tu és a noite, eu, o dia,
Deslumbram-se os vivos sóis ...
— Tu fundes a tirania,
Eu fundo o pulso aos heróis!"

(Flores do campo, p. 1-92)

No poema "Sem título", em *Auras do sul*, mostra como todos, representantes do povo, têm sua tarefa traçada desde o pobre operário até o sábio, desde o nauta até o escravo. Num outro quadro está:

"O rico, o nobre, que nunca
Teve da glória a emoção,
Dorme... e entre sonhos murmura:
— Que tolos! que tolos são!"

Há outro contraste no meio social daquela época retratado de modo realista com as cores vibrantes de imagens fortes e cheias de vigor. Descreve uma orgia no palácio, onde todos se banqueteam em companhias galantes e lascivas.

É uma espécie de imagem de sociedade da burguesia daqueles dias, o poema sob o nome "Um canto do século" descreve com candentes versos aquelas festas, aqueles esbanjamentos e a pobreza a morrer à míngua junto da porta...

A crueza da imagem está bem viva em todas as estrofes, para termos uma pequena idéia reproduziremos o último sexteto:

"Ao amanhecer, porém, quando as calechas
Roubavam do prazer as flores mortas,
As damas do salão:

Um vulto levantou-se da calçada
e a mão foi estendendo de contínuo,
Chorando a pedir pão!"

(Auras do sul, p. 52-5)

Em "Homens de Roma" o poeta põe novo contraste, entre o povo e o papado naquela época, defendendo seu território contra as tropas de Garibaldi que, depois da queda da Porta Pia, todos foram excomungados por Pio IX... As idéias em voga naquele tempo perpassam nas estrofes do poema com imagens, metáforas e hipérbolos dignas de Víctor Hugo ou de Castro Alves.

Para termos o sabor do poema apresentaremos a última estrofe da primeira parte em que se vê a luta, e a última estrofe da segunda parte em que aparece a profecia dos novos tempos e das novas idéias para o mundo.

"Trava-se a luta horrenda e fratricida;
A honra, a liberdade, a idéia, e vida,
São banidas por lei!
Perdura uma só causa — o despotismo...
Roubo e morte, — são palmas de civismo
Aos pés do Papa-rei!

.....
Mas, ah!... não tarda no espaço
A aurora da redenção,
Em que se estalem os ferros
Da imortal escravidão...
Então armados os povos,
Rebentos de mundos novos,
C'os ossos de Galileu
Ao mundo dirão: Por terra
A igreja que nos faz guerra:
— Liberdade à luz do céu!

(Auras do sul, p. 31-5)

O poeta vive profundamente o contraste real da sociedade, a miséria e a riqueza; o luxo e a pobreza; o desamparo e a segurança... "O mundo contraditório onde para alguns sobra para outros falta, onde alguns morrem de fome e outros morrem de congestão por demasiado comer..."

O poeta experimentou, em sua curta vida de andarilho, a fartura e a falta de comida e de compreensão... Experimentou as dores da desgraça e os momentos de glória; o infortúnio e o deslum-

bramento dos grandes salões; os aplausos e o desprezo; a recepção de seus versos nos jornais e revistas e o roubo de sua produção... As dores e os sofrimentos foram o rosário de sua existência. Tudo isso ele o levou para o esplendor da arte. Ele procura estabelecer um diálogo entre "o gênio e a arte" de que vamos reproduzir a última estrofe:

"— Entra; meu albergue é pobre,
Mas há fogo na lareira;
Eu durmo sobre esta esteira...
Pode dormir outro mais,
Enxuga, pois, teus vestidos...
Tenho um só pão... mais reparte...
Tu és o gênio, eu — a arte,
Ambos nascemos iguais."

(Auras do sul, p. 15)

5 — O SENTIMENTO DO RIO GRANDE

O solo e a gente rio-grandenses são glorificados pelo poeta, quer nas lendas, quer na fala, quer nas recordações. A voz da terra é forte e repercute pelas canchadas dos campos fora.

É muito conhecido o poema, muitas vezes recitado ainda hoje, "Lá..." com aquele sabor gauchesco e tão nosso, escrito em São Paulo, em 1874. Conta tantas belezas, tantas maravilhas da vida do campo. Vida simples e saudável, onde a pessoa tem sua que- rência mais ampla e mais viva. É aquela paisagem que se apresenta na primeira estrofe:

"Na minha terra, lá... quando
O luar banha o potreiro,
Passa cantando o tropeiro,
Cantando... sempre cantando...
Depois, descobre-se o bando
Do gado que muge adiante,
E um cão ladra bem distante...
Lá... bem distante, na terra!
— Nunca foste à minha terra?"

O sabor gaúcho, tanto na paisagem como nas palavras, leva-nos àqueles ambientes campeiros tão familiares ainda hoje para

nós. Ao término do poema bastante longo, assim conclui na mesma cadência:

"Ali verás como incita
o viver da solidão,
Tomando o teu chimarrillo
feito por moça bonita.
Verás vestidos de chita...
Muitas vida em cada rosto...
Mas se duvidas do exposto,
É fácil: vai até ali.
E dirás se eu te menti."

(Auras do sul, p. 60-3)

Lobo da Costa não só viveu a sua terra, não só perambulou pelas cidades do Rio Grande do Sul como também soube amá-lo, querê-lo mais livre e forte.

Em 1885 escreveu um poema que ficou praticamente inédito até 1888: era uma celebração dos cinquenta anos da Revolução Farroupilha. Seria um poema épico, mas o poeta fez um misto de lírico e de épico. Para ele o passado não ficava tão longínquo, tão imune do presente. O perfeito daquele passado da epopéia não combinava com a poética do romântico. Os últimos versos de Lobo da Costa apareceram esparsos em Flores do campo, foram publicados um mês depois de sua morte no Progresso Literário, jornal de Pelotas.

Nesse longo poema observamos os sentimentos mais profundos de admiração, de amor e de exaltação pela Revolução Farroupilha, pelos pró-homens, pelo povo. Enaltece as figuras de Garibaldi e de Anita.

Nesta hora em que se celebra o sesquicentenário vale a pena ler e estudar esta peça de boa literatura, que celebra os feitos dos Farrapos.

O motivo da luta e da rebeldia está claramente numa estrofe sucinta e objetiva:

"O Rio Grande do Sul virá seus filhos
Deserdados da Mãe que os parilhara,
Sem um eco de voz, sem parlamento,
Pois que tudo o Poder centralizara."

E a luta começara forte e audaz, combatia-se pelos campos e pelas serranias, tudo era colocado para a defesa da honra, da riqueza e da sobrevida do Rio Grande. O poema reserva belas estrofes para cantar a bravura e o destemor dos bravos:

"Ecos alfim o rebete
Pelas longas cordilheiras;
Do peito fazem trincheiras
Os nobres filhos do Sul
É que o insólito governo
Mandava torpes escravos
Cuspir a face dos bravos
À luz do céu azul!"

Tudo vibra com a vitória, com a conquista da liberdade. A idéia da república como bandeira altiva e livre espadaneja pelo azul do céu. O poema celebra num heptassílabo a beleza da conquista:

"Não longe no espaço brilha
A estrela da Liberdade
Derramando claridade;
Nas cercanias do Sul!
A aurora seu carro impele
Pelas escuras devesas
Levando nas rodas, presas
As chamas do céu azul!"

Francisco Lobo da Costa, poeta que viveu curta vida, na segunda metade do século XIX, viveu profunda e entusiasticamente os ideais libertários dos Farrapos. Em seu espírito romântico foi o verdadeiro pregador da liberdade republicana e democrática, peregrinando pelas principais cidades do Rio Grande. Por toda a parte deixou poemas, por toda a parte deixou saudades, por toda parte, ainda hoje, há pessoas que recitam os poemas do grande e inesquecível aedo...